

19 NOV 1997

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Brasil - economia

A apostila de Delfim

Crítico mordaz do governo Fernando Henrique Cardoso, cruel até quando elogia, o deputado Delfim Netto desta vez acha que o ministro da Fazenda acertou de verdade ao avaliar positivamente a possibilidade de o Brasil recorrer ao Fundo Monetário Internacional. "As melhores famílias já foram ao Fundo", lembra, referindo-se a países, como a França, que recorreram ao FMI em momentos de desequilíbrio financeiro.

"Como a nossa situação é mesmo de completo desequilíbrio, seria até um sinal positivo para o investidor estrangeiro se fizéssemos algum tipo de acordo. O Malan, que é um sujeito cuidadoso, sabe disso e deixou uma porta aberta", diz Delfim. Na opinião dele, é "tolice" supor que o recurso ao Fundo seja exatamente uma demonstração de fraqueza, algo assim como o Brasil passar um recibo de fracasso da política econômica.

"Besteira! Nem Fernando Henrique pensa mais assim. Ele antigamente analisava o FMI como o sujeito que acha que o bombeiro é o culpado pelo incêndio pelo simples fato de que, sempre que há fogo, ele está por perto." Se Delfim já é um militante dedicado às artes da ironia em tempos normais, imagine só o leitor como está o ex-ministro quando o assunto principal da política é a economia.

E ainda por cima uma crise que corroborou uma de suas principais críticas ao governo: a política do câmbio sobrevalorizado.

Pois é, Delfim Netto está mais do que nunca com a corrente toda. Não se pense, porém, que só para o mal. Acha que, de fato, há males que vêm para o bem. "Por exemplo, o governo já mudou o discurso e mudou para melhor." Cita, então, dois exemplos: o reconhecimento de que o Brasil não pode mais se endividar e a decisão de incentivar as exportações, duas posições que passaram a ser expostas depois da desorganização das bolsas.

"Quando o Malan deu aquele exemplo infantil sobre a família que deve se controlar para não gastar mais do que ganha, estava na verdade dizendo que a família Brasil tem de parar de fazer dívidas. Isso é o contrário do que eles diziam, pois achavam que era possível viver eternamente sob o financiamento do capital internacional."

O próximo passo, ele não tem dúvida, será a desvalorização do real em relação ao dólar. "Isso é tão certo quanto estarmos sentados nós dois aqui agora." Na verdade, o deputado não gosta de usar o termo "desvalorização", prefere a expressão "flutuação ampla do câmbio", ou ampliação da banda cambial. Em português, dá no mesmo, é desvalorização. A mudança da política cambial é, para ele, inexorável.

"Não tem como, o governo fez uma aposta e perdeu. Na frente do espelho, quando faz a barba, o Gustavo Franco sabe muito bem disso e o mercado também sabe que é só uma questão de tempo."

Por falar em Gustavo Franco, o deputado andou sabendo que Fernando Henrique não tem feito avaliações positivas a respeito do presidente do Banco Central, o que ele considera uma injustiça.

"Eu sempre disse que esse menino era muito competente, mas desde que tivesse um chefe. Ora, se o Fernando Henrique não toma conta, também não pode reclamar quando as coisas não dão certo. Não é correto fazer do Gustavo Franco o bode expiatório."

Apesar de concordar que mexer no câmbio agora, que a situação ainda é incerta, seria impossível, Delfim Netto considera que a providência deve ser tomada tão logo o mercado dê sinais concretos de estabilidade.

"Se demorar muito a mudar a política cambial, o governo pode ser puxado pelo nariz quando tentar fazer." Ou seja, à medida que o tempo passa, os custos vão ficando maiores até que seja tarde demais. Mal comparando, é como diz um outro opositor da atual política, um senador paulista muito amigo do presidente e que detesta ver seu nome envolvido em críticas ao governo: é possível ensinar um cavalo a viver sem comer, a questão é que quando ele aprende, morre.

Delfim adora a história: "Essa comparação retrata exatamente a situação."

O problema, lembra Delfim, é a tendência de Fernando Henrique de deixar sempre as coisas como estão para ver como é que ficam. "Ele acha que 90% dos problemas se resolvem com o tempo. Os outros 10% atribui à oposição. É esperto, mas nem sempre dá certo."